



Formação de educadores e educadoras: aprender brincando no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE

Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos¹

¹Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, Docente no Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE. E-mail: gilvania.vasconcelos@ufrpe.br.

Resumo: O objetivo desse relato de experiência é demonstrar que é possível trabalhar o conteúdo técnico das ciências agrárias de forma lúdica e significativa na vida dos sujeitos, desde o técnico(a)/educador(a) como do educando(a). Esta experiência foi desenvolvida com a turma do 5º período do curso de licenciatura em ciências agrícolas da UFRPE, onde foram utilizadas as seguintes técnicas de ensino: jogo da agroecologia, jogo da memória e a vivência da educação contextualizada no semiárido. Como resultado desse processo de aprendizado, a turma apresentou um teatro de sobras tratando da convivência com o semiárido, trazendo temáticas da educação contextualizada e a concepção da agroecologia como ciência transdisciplinar.

Palavras-chaves: metodologia do ensino; educador(a) agrícola; processos educativos; jogos educativos.

1. Introdução

O Curso de Licenciatura em Ciências agrícolas na UFRPE nasce de um processo de formação de educadores(as) agrícolas, iniciado pelo Centro Regional de Educação Técnico-Agrícola (CRETA) em 1965, fruto de um convênio UFRPE e a SUDENE¹. O objetivo era a formação de educadores(as)

¹Segundo Marinho (2008) a SUDENE destinava 6% do investimento em formação humana, especificamente em treinamento de pessoal tanto para agricultura como para a indústria. Dentro de sua proposta de Projetos Integrados, pensava no desenvolvimento de vários setores do nordeste ao mesmo tempo. Bem como defendia que a educação do meio rural deveria ser tratada de acordo com a realidade de cada setor.



para as escolas agrícolas. Mais tarde, em 1969, o CRETA passa a ser denominado Centro de Formação e Treinamento de Educadores(as) Agrícolas (CFTPA), a nível de todo o Nordeste (UFRPE, 1972).

O contexto político da época é marcado pelo programa de educação voltado para o desenvolvimento do Brasil, sobretudo do campo. Esse local precisava modernizar-se e as escolas agrotécnicas eram as responsáveis por formar mão de obra para um modelo de desenvolvimento pautado na modernização da agricultura, com tecnologias modernas e com o uso de insumos químicos (adubos e defensivos agrícolas).

O ensino tecnicista era supervalorizado e o cenário pedagógico defendido apontava que era salutar ao “processo de ensino-aprendizado a supervalorização dos recursos técnicos (máquinas de ensinar, teleducação, estudo por meio de fichas, etc.)” dentro de um método de educação tradicional, onde a relação educador-educando era hierárquica e autoritária, como afirma Araújo (1991, p. 15).

O fato é que, os anos se passaram, e houve várias mudanças no campo teórico pedagógico, do ponto de vista do pensar o processo de ensino-aprendizado, com várias correntes se posicionando contra a tendência pedagógica tradicional, como a tendência libertadora com Freire (1969) e a histórico-crítico com Saviani (1991).

Nesse processo de mudanças, a Licenciatura em Ciências Agrícolas (LA)² também sofreu alterações em seu percurso, para a formação de educadores(as), até chegar à versão atual, como afirmam Oliveira e França (2011), do ponto de vista da estruturação de funcionamento, a concepção de educação, sociedade e educador(a) agrícola para o contexto socioeconômico e político do campo.

Percebendo assim, que o processo educativo é mais amplo que ensinar fórmulas e técnicas, e passa a criar condições para a construção do conhecimento crítico e significativo para a mudança da realidade dos educandos(as). Tendo como objetivo central desse relato de experiência, demonstrar que é possível trabalhar o conteúdo técnico das ciências agrárias de forma lúdica e significativa na vida dos sujeitos, desde o técnico(a)/educador(a) como do educando(a).

Com base no Projeto Político Pedagógico atual, percebemos avanços, sobretudo quando reconhece e valoriza o paradigma da educação do campo e sua relação com a agroecologia, como

² A partir de agora, vamos sempre nos referir a este curso como LA.



processo educativo importante na formação do educador(a) agrícola. Tais modificações não deixam dúvida da relevância e compromisso desse curso para formação de educadores(as) que irão lecionar o conteúdo das ciências agrárias, seja no espaço formal e não formal (serviços de extensão).

Cabe ressaltar que, assim como houve mudanças na configuração do curso de concepção de educação, também acontece nas práticas pedagógicas. Quando antes seguia a cartilha do modelo de desenvolvimento de campo na lógica tecnicista, acompanhado de todo o pacote de insumos, hoje faz opção por uma proposta pedagógica mais próxima da realidade da agricultura familiar camponesa, da educação do campo com princípios na agroecologia, enquanto projeto de desenvolvimento e sociedade sustentável.

Atualmente, o ingresso é feito por seleção pública simplificada, para os(as) educandos(as) do Bacharelado das Ciências Agrárias, que podem ingressar nesta licenciatura a partir do 5º período, ou para egressos, profissionais das Ciências Agrárias. Além da proposta de formação pedagógica, tem como base a educação crítica para o desenvolvimento rural sustentável, que pode ser visto a partir dos objetivos mais a frente.

Objetivo geral – Formar educadores e educadoras que contribuam com práticas educativas para ampliar os conhecimentos e o estabelecimento de uma convivência sustentável das sociedades com a natureza.

Objetivos Específicos:

1. Formar educadores(as) para o ensino médio e educação profissional tecnológica, de jovens e adultos;
2. Formar gestores(as) de processos educativos e de programas de capacitação profissional;
3. Capacitar para assessoria em projetos de educação de jovens e adultos;
4. Formar mediadores(as)/gestores(as) de processos de desenvolvimento local;
5. Formar profissionais para atuar em agroecologia e agricultura familiar;
6. Formar o(a) educador(a) agrícola (UFRPE, 2012, p.1-2).



A LA, com o intuito de fazer a junção de duas áreas do conhecimento – bacharelado em Ciências Agrárias versus Licenciatura em Ciências Agrícola, busca nessa experiência valorização e humanização, nesse processo de formação dos profissionais das Ciências Agrárias, que em sua formação técnica, deixa lacunas na compreensão de quem são os sujeitos do campo, de que é necessário desenvolver estratégias de comunicação com a família produtora - responsável pela produção agrícola e pecuária. Precisam ter a sensibilidade de considerar o ser humano que é o(a) assentado(a), o(a) agricultor(a), o(a) camponês(a) e perceber que seu trabalho é de orientação, como um mediador(a) de processos educativos.

Durante todo o curso (seis semestres), os educandos(as) têm a possibilidade de vivenciar os conteúdos por meio de técnicas de ensino fora do convencional, do que estavam acostumados no bacharelado, além de maior contato com os sujeitos do campo.

Chegando no 5º período, vão cursar a disciplina Metodologia do Ensino Agrícola que tem como objetivo refletir sobre as principais metodologias e práticas de ensino agrícola, formais ou não formais, e sua importância para o desenvolvimento rural. Diante disso, a execução da disciplina se propõe promover e provocar estratégias metodológicas participativas e vivências de técnicas de ensino, dentro e fora da turma, que promova o diálogo horizontal entre teoria e prática, bem como com as realidades mais próximas dos sujeitos do campo, do ponto de vista de uma educação contextualizada.

Durante as aulas, os educandos(as) são provocados(as) a experimentar técnicas de ensino de forma mais prática com os demais colegas, conhecendo e criando jogos educativos agroecológicos, realizando visitas e refletindo com grupos de famílias agricultoras de organizações e movimentos sociais, situações do dia a dia do fazer produtivo, fazendo a ligação e reflexão dos conteúdos das ciências agrárias.

Neste curso, a formação promovida, reúne numa mesma sala diversos profissionais das ciências agrárias – veterinária, zootecnia, engenharia agrônômica, pesca, floresta, agrícola e ambiental, onde se constrói o conhecimento interdisciplinar e são provocados a repensar sua formação do bacharelado, para transformar sua prática pedagógica, enquanto educadores(as) técnicos(as) com base no princípios da agroecologia.



2. Descrição e reflexões sobre a experiência

Como já descrito, a disciplina tem como proposta, experimentar metodologias caracterizadas em técnicas e práticas de ensino agrícola, que tragam o conteúdo das ciências agrárias de forma lúdica, significativa e contextualizada.

Algumas dessas técnicas utilizadas, muito bem aceitas pela turma, foram os jogos de cartas. Enquanto parte teórica, utilizamos o texto organizado por Pierotti (S/D) - caderno de jogos cooperativos - que trouxe uma reflexão sobre jogos e como podem ser compreendidos dentro desse processo ensino-aprendizado. “O valor do jogo tem implicações políticas e morais, indo bem além da simples distração [...]. O jogo passa a ser associado à formação do ser humano em sua plenitude” (ROUSSEAU, 1761 *apud* PIEROTTI, [s.d.], p.10).

O jogo enquanto ferramenta pedagógica, que auxilia na construção do conhecimento e que, ao mesmo tempo traz o conteúdo, pode ser uma alternativa em transformar as aulas de conteúdos extremamente técnico e enfadonho em um momento bom, agradável e divertido.

Esse momento lúdico e educativo serve para trazer à tona determinados conceitos de temáticas, que estão sendo vistas e devem ser refletidas para o contexto dos educandos(as). A temática que sempre está presente é a compreensão do que vem a ser agroecologia, onde muitas vezes percebe-se nas falas, apenas como um modo de produção que não utiliza agrotóxicos.

Caporal, Costabeber e Paulus (2005, p. 3), são alguns dos autores que podem nos ajudar a compreender o conceito de agroecologia, que traz como uma ciência integradora, onde se “reconhece e se nutre dos saberes, conhecimentos e experiências dos povos do campo, bem como dos demais atores sociais envolvidos em processos de desenvolvimento rural, incorporando o potencial endógeno”. É esse potencial endógeno, que auxilia na aprendizagem sociocultural e no desenho dos agroecossistemas que se busca a sustentabilidade.

Nessa perspectiva de conhecer o local para potencializar, traz outra ferramenta que é a valorização da vivência enquanto processo de ensino-aprendizagem, “[...] um conjunto metodológico



que objetiva o alcance de mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou vivências (FELA MOSCOVICI, 1985 *apud* PIEROTTI, [s.d.], p. 10)”.

Esse processo de aprendizado contextualizado, que marca o cotidiano de nossas vidas, chega dando a oportunidade de refletir e experimentar, de forma que ajuda na construção do conhecimento.

Por meio dessas reflexões experimentamos as seguintes técnicas para trabalhar o conteúdo do ensino agrícola: os jogos de cartas - da Agroecologia e da memória, dinâmicas experimentadas em sala de aula e a vivência da educação contextualizada, por meio de uma visita de campo no sertão.

- Jogo da agroecologia - consiste num jogo de carta com imagens de diversos temas: o trabalho familiar, produção agrícola, feiras agroecológicas, associação rural, cisterna calçadão, queimada, agrotóxicos, solo sem cobertura, etc. Cada carta possibilita trabalhar um tema diferente. A dinâmica se deu dividindo a turma em dois grupos, e ganha o grupo que reunir mais cartas, que tragam em suas imagens a melhor concepção agroecológica com base na convivência com o semiárido, haja vista que cada uma dessas cartas tem pontuações que variam de 0 a 5 pontos. Assim, o grupo que tiver maior numeração, foi o que conseguiu construir uma proposta mais próxima da realidade local (Figura 1).
- Jogo da memória - consiste em 48 pares de cartas com plantas da vegetação da caatinga, onde os educandos(as), individualmente, são desafiados a encontrar os pares – juazeiro, catingueira, mandacaru, etc. Ao final do jogo, realizam a pesquisa teórica, em busca de identificar no seu contexto social tais espécies, trazendo posteriormente na aula suas descobertas sobre tal espécie, para uma socialização na turma sobre a utilidade daquela planta na vida da comunidade sertaneja (Figura 2).
- Vivência da educação contextualizada no semiárido - durante uma semana, toda a turma foi conhecer as tecnologias sociais desenvolvidas no Centro de Formação do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, localizado em Juazeiro (BA), que possui vasta experiência no trabalho da educação para a convivência com o semiárido, tanto na perspectiva da extensão rural como participando juntamente com algumas prefeituras locais, no processo de formação de educadores(as) nas escolas do meio rural. E dentro desse contexto de educação



formal, conhecemos duas experiências, mas damos destaque para a escola da agrovila Nova Esperança em Ouricuri (PE) onde a professora trabalha numa turma de educação fundamental e multisseriada, e o conteúdo dialoga com a realidade, desde a prática produtiva, o trabalho familiar, o manejo sustentável da caatinga, captação, conservação e qualidade da água, evitar queimar e não usar agrotóxico, etc. (Figura 3).

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Esta experiência dialoga com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia do ponto de vista que tenta provocar a reflexão da sustentabilidade nas dimensões ecológica, social, cultural, política e econômica, partindo da perspectiva que desenvolvimento deve nascer de uma necessidade local - o território. Emergindo as alternativas, as saídas, com o envolvimento e compromisso dos sujeitos da comunidade.

O diálogo com o princípio vida se dá com a reflexão de se conhecer a realidade, o ecossistema ambiental-social, e compreender que estão interligados e interdependes. Ainda Caporal, Costabeber e Paulus (2005, p. 4) nos levam a pensar que a agroecologia não está descolada do compromisso ético, e nos pede a refletir, “como nossa ação ou omissão podem afetar positiva e/ou negativamente as outras pessoas, aos animais ou à natureza”. Tal questionamento pode ser entendido quando, na sala de aula, utilizamos os jogos, os educandos(as) tinham como desafio construir um ecossistema mais sustentável possível, percebendo ao final um sistema complexo de inter-relações natureza e humanos, culminando no aprendizado novo.

Por meio dos jogos e vivências de campo, foi possível o diálogo com a diversidade, a prática pedagógica possibilitou o reconhecimento dos diversos ambientes e sujeitos - como o semiárido é diferente, e nem por isso é inferior. Valorizando a identidade do povo, a riqueza natural, os saberes e estratégias de convivência com a área. Apesar de identificar as diversidades socioambientais, quando comparada a zona da mata com o sertão. Percebeu-se a diversidade e estratégias de ações, expressas



nos quintais produtivos (plantas e animais nativos), cisternas para armazenar água para consumo e produção, entre outras.

A vivência também contribuiu para desconstrução de certos preconceitos com a região semiárida, como a impossibilidade de viver nesta região. Tal mudança de paradigma possibilitou conhecer o ecossistema por lentes diferentes da mídia, que só mostram a miséria e local inóspito. Falar de semiárido é falar de vidas, de cultura e resistência. É preciso desconstruir o discurso do combate e construir o da convivência, reconhecer que várias organizações, inclusive as não governamentais, vêm desenvolvendo ferramentas e tecnologias sociais, como já citamos o IRPAA, que são pedagógicas, para garantir a vida de milhares de famílias nesta região.

Com base na concepção pedagógica, proposta por Paulo Freire, que aproxima a educação como ação cultural de conscientização e suas técnicas de ensino, promovemos a reflexão, adaptando para nosso projeto de aprendizagem, sobretudo, valorizando a comunicação e a troca de experiências, aproximando a academia das comunidades.

As práticas pedagógicas aqui apresentadas foram realizadas em sala de aula e em campo, onde pôde se discutir e refletir sobre ciências agrárias, agroecologia, semiárido, território e transdisciplinaridade. Assim, acreditamos que é possível haver a transformação, sobretudo, quando há um processo de organização social, conscientização e formação de pessoas. A educação formal tem importante papel nessa estratégia de transformação. "É neste espaço que se adquire uma compreensão mais lúcida do processo histórico, das possibilidades e limites de sua prática, do sentido de sua criatividade, o saber transformador porque brota da prática coletiva" (COELHO, 1982, p. 41).

4. Considerações finais

O objetivo desse relato de experiência é demonstrar que é possível trabalhar o conteúdo técnico das ciências agrárias de forma lúdica e significativa na vida dos sujeitos, desde o técnico(a)/educador(a) como do educando(a). Tivemos como resultado, o real aproveitamento dos educandos(as) envolvidos, que culminou em uma apresentação desse grupo no evento chamando de



Semana de Culminância, organizado pela Licenciatura em Ciências Agrícolas, sempre ao final de cada semestre. Nesse evento, a turma do 5º período expressou seu aprendizado por meio de um teatro de sombras, apresentando para todos do curso, o avanço e o acúmulo de conhecimentos, de todas as disciplinas do semestre de 2016.1 (Figura 4).

O processo de formação de educadores e educadoras do curso de LA tenta, por meio de teorias e práticas das ciências agrárias, de forma crítica e reflexiva, preparar profissionais e cidadãos que irão atuar nas mais diferentes realidades do campo brasileiro, seja na educação formal e não formal.

A educação contextualizada é a palavra primordial para formação de educadores e educadoras comprometidas, que possam pensar em suas práticas pedagógicas. Quais as melhores e mais apropriadas ferramentas para apresentar o conteúdo agrícola e agrário? Envolvendo e dialogando com os princípios e diretrizes da educação em agroecologia de forma direta ou indireta.

Referências

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencar (Org.) *et al.* Técnicas de ensino: Por que não? Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. *Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável*. III Congresso Brasileiro de Agroecologia. Florianópolis, SC, 17 a 20 de outubro de 2005.

COELHO, Ildeu Moreira. *A questão política do trabalho pedagógico*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) *et al.* O educador: vida e morte. Rio de Janeiro: edições Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra. 1969.

OLIVEIRA, Vagner de M.; FRANÇA, Renata C. de P. *Cursos de Licenciatura em Ciências Agrárias/Agrícolas: levantamento geográfico, áreas de atuação e perfil profissional*. Revista Educação Agrícola Superior - v.25, n.1, p.13-17, 2010 (efetiva circulação Março/2011).

PIEROTTI, Juliana Assef (Org.). *Caderno de Jogos cooperativos*. [s.d.] Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/caderno-de-jogos-cooperativos.html>. Acesso em: 03 mai. 2013.



SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1991.

UFRPE. *Ofício nº 479/72*. Solicitação de reconhecimento do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas. Recife. 1972.

UFRPE. *Curso de Licenciatura em Ciências Agrícola*. [Folder] Recife. 2012.

ANEXOS



Figura 1 - Jogo da agroecologia



Figura 2 - Jogo da memória



Figura 3 e Figura 4 - Vivência da educação contextualizada no semiárido